

HOMENAGEM A ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA*

por

José Mattoso **

A cerimónia que hoje dedicamos à memória de Ernesto Veiga de Oliveira foi inicialmente programada como uma homenagem em vida e na sua presença. A sua morte alterou o projecto. Já não podemos juntar-nos à sua volta para lhe trazer o suporte da nossa simpatia e da nossa admiração. Não podemos fazer-lhe sentir, no eco da nossa reacção à sua obra, as dimensões da sua fecundidade. Não podemos contar com a sua resposta nem sermos surpreendidos com o que ele, decerto, encontraria de novo para nos dizer.

Agora a homenagem tem outro sentido. Pretendemos recordar aqui a sua pessoa e a sua obra como quem invoca um espírito ancestral, por reconhecer que pertencemos à sua linhagem. Invocamo-lo para de alguma maneira ressuscitar em nós mesmos a atitude que ele pessoalmente tomou perante o mundo e a vida, e que representa o espírito do clã. É uma forma de celebrarmos juntos a vinculação à família a que estamos unidos pelas mesmas preferências, os mesmos valores essenciais, o mesmo desejo profundo, o mesmo território. Buscamos, então, criar uma memória comum acerca daquele que nos serve de referência. Essa memória não pretende fazer uma reconstituição como a de uma figura de museu de cera. É a imagem de uma personalidade ideal, transfigurada e exemplar, depurada das suas expressões acidentais e opacas, e que por isso mesmo reforça os vínculos que nos unem e exprime as razões que nos movem.

Praticamos um acto que se assemelha ao do culto dos antepassados. Tal como nele, pretendemos aqui estreitar a nossa solidariedade, proclamando a nossa ligação àquele que tomamos como modelo. Não na sua expressão acidental e histórica, mas na medida em que ele incarnou um arquétipo ideal que desejaríamos perpetuar e tornar vivo. Pouco importa o parentesco da carne e do

* Palavras proferidas no Museu de Etnologia, em 1991, por ocasião da apresentação pública do livro de homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira, editado pelo INIC.

** Professor da Universidade Nova de Lisboa.

sangue, as diferenças de sexo, de idade, de opinião ou de estratégia que nos separam. Há a solidariedade mais íntima e mais funda daqueles que se reconhecem nos mesmos modelos e que, para a reforçarem, se reúnem e os tornam colectivamente conscientes.

Esta forma de conceber o que aqui fazemos justifica também que não sejam os seus colaboradores mais íntimos, aqueles que com ele trabalharam durante tantos anos, a pronunciarem estas palavras. Estes sentem-se ainda demasiado presos ao indivíduo, e portanto aos aspectos acidentais da sua personalidade, para poderem facilmente distinguir nele o transitório e o essencial. Preferiram a palavra de alguém mais distante e que, por isso, se poderia pronunciar sem estar demasiado preso pela emoção. Mas não posso deixar de mencionar aqui aqueles que são, na verdade, os seus «parentes» espirituais mais próximos, os senhores Benjamim Pereira e Fernando Galhano. O seu testemunho é agora ainda mais importante, porque só eles nos podem transmitir aquilo que o prolongado contacto pessoal com Veiga de Oliveira lhes transmitiu a eles. A sua colaboração com ele foi tão dedicada que esta homenagem não pode deixar de os envolver também a eles.

O que aqui fazemos é, portanto, uma expressão de fé na continuidade da vida e não a cerimónia saudosista, sentimental e vã, de recordar um morto. Recolhemos na nossa memória os traços nela marcados pela pessoa e pela obra de Ernesto Veiga de Oliveira e que, por isso mesmo, continuam vivos e queremos que o sejam cada vez mais.

O que estamos aqui a fazer tem algo que ver com o processo de criação do mito. Como é óbvio, utilizo o conceito na sua acepção mais nobre, e afastando, naturalmente, o sentido depreciativo que o positivismo lhe conferiu, por não ter compreendido a função construtora do mito e por esquecer o seu significado simbólico. De facto, o que fazemos aqui, ao evocar o carácter exemplar da personalidade de Veiga de Oliveira, pode ser comparado ao processo que leva a colocar num tempo mítico a memória de um antepassado. A mitificação corresponde a construir um modelo exemplar que não se confunde com nenhuma das suas expressões históricas, nem mesmo com aquela que lhes serviu de inspiração. É um processo simbólico de exprimir tudo aquilo a que damos um sentido profundo e que, por isso, não pode ser efémero, logo não pode ser mera reprodução do real. É também uma forma de conferir a essa expressão, exactamente por ser simbólica, uma eficácia emocionalmente comunicativa. Mitificar a memória de alguém, seja ele tão próximo de nós como Ernesto Veiga de Oliveira, não é, pois, traçar o seu retrato histórico, como que para tentar fazer regressar um passado irremediavelmente perdido, mas seleccionar nessa memória aquilo que mais o aproxima do modelo com que todos sonhamos.

É o contrário de idolatrar. Idolatrar é justamente atribuir uma força e um valor sagrados ao que é apenas representação material, efémera e redutora daquilo que não se pode encerrar no espaço e no tempo. Não prestamos culto a um deus nem sequer a um herói. Apenas reconhecemos no nosso homenageado a centelha divina que queremos trazer também em nós, e veneramos nele o antepassado de uma família a que gostamos de pertencer. Creio ser esta a maneira mais fiel de manter vivo o espírito que incarnou em Ernesto Veiga de Oliveira.

Realizamos, pois, um acto que estava já preparado para se fazer na presença de Veiga de Oliveira, mas que agora, na sua ausência, muda de sentido. Pediram-me um testemunho que efectivamente escrevi para ser lido diante dele. Sem o saber, porém, escrevi-o, já depois de ele morrer e dei-lhe um carácter evocativo que me parece adequado para a cerimónia de hoje. Apesar de ter sido publicado, e de saber que alguns dos presentes o conhecem, não hesito em o tornar agora o ponto de partida para a minha contribuição nesta cerimónia, porque representa a evocação daquilo que há pouco tentava exprimir acerca da memória dos antepassados. De facto, foi escrito com muito empenhamento pessoal e para ser transmitido oralmente. Tirando-o da cristalização escrita, a leitura viva dar-lhe-á outra ressonância e imprimir-lhe-á uma outra capacidade de comunicação. Na perspectiva em que me coloquei não podia fazer um discurso académico e formal, mas uma verdadeira *evocação*, na acepção etimológica do termo.

Creio que falei apenas uma vez com Ernesto Veiga de Oliveira. Mas não poderei mais esquecer o contraste entre a intensidade serena e bondosa do seu olhar e a fragilidade do seu corpo. Como se o corpo se reduzisse à sua função accidental de invólucro de um espírito, de sede de uma energia segura e concentrada que não necessitava de grandes meios para se desenvolver calma e intensamente. Não posso esquecer o seu porte tranquilo e discreto, de quem não precisava de agredir ninguém, nem de pedir licença fosse a quem fosse para fazer o que tinha de fazer. Que também não se preocupava em demonstrar nada nem em impor coisa alguma, mas que se contentava com ser, naturalmente, o que era.

Quanto à sua pessoa, a minha memória regista apenas esta impressão, ao mesmo tempo intensa e sumária. Ficou-me a pena de não poder responder com mais pormenores à curiosidade que sempre excita alguém que consigo transporta um certo mistério e cujo comportamento contrasta com a das personalidades que a televisão ou os jornais apresentam como vedetas. Não havia nele nada de arrogante nem de ostentatório, nenhuma necessidade de desempenhar um papel ou de suscitar a admiração. Não precisou nunca de ser um homem público.

Donde lhe vinha, então, a sua calma energia? Qual o segredo da sua persistência, da sua capacidade de trabalho, do seu encanto, do seu percurso rectilíneo e fecundo? Que fazia «correr» este homem? De facto, a sua vida está

cheia de surpresas. Suscita inúmeras interrogações. Porque é que, sendo um cidadão, um portuense, sentia tão grande fascínio pelo campo? Sendo de origem burguesa, só pensava em estudar as actividades, costumes e crenças das classes populares? Tendo-se formado em Direito e depois em História, só praticou a Etnologia, a Antropologia e a Museologia? Porque é que, podendo ser um universitário, nada fez, suponho, para entrar na carreira académica e preferiu o prazer de calcorrear a pé os mais recônditos lugares de Portugal? Porque é que, ao contrário da maioria dos intelectuais portugueses, não se comportava como um individualista, mas revelou tão grande espírito de equipa e de sentido de grupo nas suas investigações? Onde foi buscar a paixão de coleccionar objectos que os próprios possuidores desprezavam, para com eles formar um admirável museu? Porque razão, sendo ele tão sensível aos aspectos estéticos, não se interessou propriamente pelos chamados objectos de arte, mas persistia em restituir aos vestígios materiais do artesanato a vida humana que eles prolongam? Como é que na nossa época de competitividade e de culto do sucesso, se importava tão pouco consigo mesmo e procurava compreender o homem comum, os seus caracteres universais, as expressões colectivas, o produto anónimo do trabalho? Porque razão, tendo sido, durante quase toda a vida, funcionário público de um Estado tradicionalista e totalitário, ficou tão imune à ideologia do regime? O que o levou a não se interessar por demonstrar que Portugal era «um todo único e indivisível a constituir a Nação Portuguesa independentemente da localização geográfica dos seus territórios», como lhe exigia o seu superior hierárquico em 1973, e persistia em mostrar as diferenças que opunham entre si as expressões regionais da cultura popular? Que permitiu a este homem atravessar incólume 30 anos de propaganda política e, utilizando, até, os meios do próprio regime, e realizar uma obra tão contrária às orientações ideológicas então vigentes?

Tudo são, portanto, interrogações e surpresas quando olhamos com alguma atenção para a pessoa e o destino de Ernesto Veiga de Oliveira. É verdade que assim acontece quase sempre com quem se destaca do comportamento e dos valores habituais da maioria dos homens. Neste, porém, o contraste é demasiado grande para deixar de ser especialmente significativo. O fascínio que nos suscita a pessoa começa justamente aqui. Prolonga-se para além da sua morte e levamos hoje a evocar a sua memória não tanto para manter viva a lembrança, mas para incorporarmos alguma coisa do seu espírito e o fazer nosso, como membros da sua mesma família.

Se agora nos desprendemos um pouco do homem e dirigimos o olhar para a obra de que foi autor, tudo parece tornar-se mais lógico, racional e rectilíneo. Depressa desaparecem as perplexidades de um percurso invulgar. Não por ser uma obra comum, mas porque não traz muitas surpresas, a não ser as que resultam do nosso desconhecimento do objecto que ele dominava. Ou seja, a

obra surge como um conjunto com grande unidade e coerência, como um todo formado por elementos que se distribuem regular e continuamente ao longo de uma linha simples e clara de pensamento e de pesquisa. Clareza e simplicidade que não se traduzem, porém, em resultados óbvios, primários ou insignificantes. Pelo contrário, a coerência e a unidade das questões postas aliam-se à complexidade e ao rigor da análise dos materiais e à multiplicidade das abordagens.

A preocupação dominante é, de facto, a identificação das funções, da tipologia e do significado cultural dos testemunhos concretos da civilização material portuguesa: os espigueiros, os instrumentos de debulha, os sistemas de moagem, os jugos e carros de bois, as rocas, as enxadas; mas o próprio estudo deste campo objectivo e coerente suscita incursões noutros domínios menos ligados à produção e à subsistência populares, como acontece com os instrumentos musicais, os jogos, as festas, a literatura oral. Não exclui também reflexões teóricas e metodológicas que enquadravam, justificam e coordenam as investigações sobre os objectos da civilização material, sobre a apresentação museográfica e sobre o seu significado como expressão de cultura, apesar do processo empírico, enumerativo, descritivo e taxonómico que sempre preferiu.

De facto sempre abordou de maneira sistemática todos os temas que pesquisou e sempre pretendeu proceder a levantamentos globais. Quer estudasse a arquitectura popular, quer o mobiliário, quer se interessasse pela tecnologia tradicional ou pelos instrumentos musicais, quer investigasse a vindicta popular, as festividades cíclicas, as romarias ou os jogos, o seu método de pesquisa foi sempre ao mesmo tempo enumerativo, comparativo e, tanto quanto possível, totalizante. A sua problemática sempre tende a atingir a compreensão do conjunto e não apenas uma parte dos dados, arbitrariamente escolhida. As suas observações destinavam-se a definir tipologias, a classificar em conjuntos, a ordenar todos os materiais, a fixar semelhanças e diferenças, paralelismos e variantes, recorrências e descontinuidades. Não lhe bastaram nunca observações impressionistas; sempre preferiu a investigação sistemática. Mais ainda, ao cartografar os testemunhos das tipologias observadas, distribuía-os imediatamente em função de coordenadas espaciais. Por intermédio desta localização no espaço estava obviamente a atribuir-lhes uma relação com as comunidades humanas produtoras de tecnologias específicas ou de crenças e costumes peculiares, quer dizer, a interpretá-los como expressão de uma estrutura cultural que obviamente terá também expressões de outra ordem, sejam elas sociológicas, religiosas, artísticas ou políticas.

Para ele, portanto, a observação descritiva não é um objectivo em si mesma. Tende, de imediato, para a sua interpretação. Mesmo quando a prudência o leva a suspendê-la, apresenta desde logo os seus fundamentos objectivos, possibilitando assim a investigadores futuros uma tarefa que nunca está completa nem pode jamais ser definitiva.

Esta forma de trabalhar tem sido pouco comum em Portugal. Nem a persistência do projecto, nem o espírito de sistema, nem a noção do conjunto, nem a racionalidade da pesquisa, nem os levantamentos completos, nem a tarefa ambiciosa levada até ao fim, nem a capacidade para o trabalho em equipa se encontram facilmente entre nós. Muito menos a aplicação destes métodos e princípios a um objecto tão fluido, tão difícil de definir e de encarar cientificamente como a cultura popular do homem português. Ora as contribuições de Ernesto Veiga de Oliveira, ao reunirem sistematicamente aquilo que se podem considerar os elementos objectivos da cultura popular, constituem o passo fundamental para formar aquilo a que gostaria de chamar o «arquivo da identificação nacional». Arquivo que se pretende completo, sistemático, e com variedade suficiente para reunir os elementos necessários à identificação da nossa nacionalidade.

As contribuições de Veiga de Oliveira para este objectivo são de facto importantes por várias razões. Em primeiro lugar o carácter concreto e sistemático da recolha evita os métodos baseados em dados e interpretações subjectivos e o uso de indicadores de significação duvidosa ou enganadora. Em segundo lugar, pressupõe sempre a cultura na sua globalidade e não reduzida aos seus produtos literários, artísticos ou eruditos, ou às contribuições de uma minoria, mesmo que ela, apresentando-se como superior, pretenda impôr as suas interpretações como as únicas dotadas de efectiva validade. Em terceiro lugar, porque não parte da abstracção mítica de uma história nacional concebida a partir dos feitos dos reis ou da epopeia lusíada; evita assim o logro de comparar o mito com a realidade, e a inevitável tendência para depreciar a realidade, ou seja para considerar a época moderna portuguesa como uma dramática sucessão de decadências.

Além disso, longe de tentar partir de preconceitos ideológicos, como aquele que movia o citado crítico nacionalista, que só podia conceber a nação portuguesa como um todo único e indivisível, independentemente da localização geográfica dos seus territórios, procede a uma recolha uniforme dos testemunhos em todo o país. Por isso, não pôde deixar de reconhecer o espaço nacional como um mosaico de conjuntos culturais diferenciados que ao longo da sua história se habituaram a viver em comum, a usar a mesma língua e a referirem-se a um único pólo político, mas que nunca esqueceram os seus costumes e os foram constantemente adaptando às variações civilizacionais que as novas modas e as novas técnicas lhes imprimiram através dos tempos. Também nisto Ernesto Veiga de Oliveira viu o país como um todo, sem privilegiar o norte nem o sul, o centro ou a periferia, o país que reproduzia os modelos propostos pelos centros políticos ou intelectuais ou o país que não se conformou nunca com eles. Também nisto está implícita a proposta de identificar Portugal não só

a partir de um género de dados, mas tendo-os todos em conta.

Finalmente, queria salientar na obra de Veiga de Oliveira o seu interesse não só pelo povo português, mas também pelos de continentes não europeus. Daí as suas incursões no campo da arte africana e dos costumes amazónicos. Daí o cuidado exemplar com que reuniu, preservou e apresentou no Museu de Etnologia os testemunhos destas duas culturas, e que o tornam um lugar extremamente fascinante para os seus visitantes. Este interesse mostra, porém, que, ao buscar com tanta persistência e com tanto afecto os testemunhos da cultura popular portuguesa, não esquecia nunca que eles são, afinal, a expressão do Homem universal. A arte africana e a cultura amazónica ajudam a compreender a cultura popular portuguesa e esta a interpretar aquelas. De facto, Veiga de Oliveira compreendeu que ao buscar o que há de mais profundo e de comum no homem português não podia deixar de se aproximar do homem universal e de encontrar nas suas expressões os caracteres essenciais que nele aparecem também. A sua comparação com outras civilizações ajuda a compreender a função e o sentido daquilo que também no homem português é fundamental, que está para além do tempo e das suas expressões transitórias ou das suas diferenças geográficas.

Creio que esta atitude intelectual e humana de Ernesto Veiga de Oliveira é extremamente salutar. Ajuda a interpretar a nossa cultura como um todo e na sua expressão mais completa, sem discriminação de nenhum dos seus elementos. Ajuda a ver o que na nossa história há de mais permanente e de mais profundo, isto é aquilo que vai ficando através de todas as mutações e vicissitudes, através, mesmo, de todas as rupturas. Ajuda a reconhecer a identidade nacional através da sua lenta formação e das suas sucessivas hipóstases. Por isso mesmo, ajuda a encarar o futuro deste país sem dramatismos nem angústias. Com a mesma serena e persistente tranquilidade com que ele viveu a sua vida, fez o seu trabalho, privou com os seus amigos e amou os homens e mulheres deste país que foi o seu e é o nosso.